

Para cardeais brasileiros, conclave rápido demonstra unidade

JOSÉ MARIA MAYRINK/AE

Os quatro brasileiros que participaram do conclave – dom Cláudio Hummes (São Paulo), dom Eusébio Scheid (Rio de Janeiro), dom Geraldo Majella Agnelo (Salvador) e dom José Freire Falcão (Brasília) – afirmaram nesta quarta-feira, em entrevista coletiva, que a eleição de Bento XVI em apenas dois dias é um sinal da unidade do colégio de cardeais que o escolheu.

– Foram apenas quatro votações – revelou dom Geraldo, interrompendo dom Eusébio que, em resposta a um repórter, dizia não se lembrar de quantas vezes havia votado – um artifício do cardeal do Rio para, com essa evasiva, não burlar as normas da constituição apostólica *Universi Dominici Gregis*, que proíbe aos eleitores revelar detalhes da votação.

Os cardeais não informaram em quem votaram, mas todos se declararam satisfeitos com a solução Joseph Ratzinger. “Vai ser um grande Papa e tem um nome significativo, que lembra São Bento e São Benedito, dois santos de muita devoção no Brasil”, disse o cardeal da Bahia, antes de ler o texto de uma mensagem enviada ao Papa pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da qual é presidente.

Assinada pelo vice-presidente da entidade, dom Antônio Celso de Queirós, bispo de Catanduva (SP), a mensagem – que começa com a saudação “bendito o que vem em nome do Senhor” – é uma promessa de lealdade e de obediência. “Manifestamos nossa plena e leal adesão ao seu Magistério, junto com a filial devoção dos católicos do nosso país”, diz o texto.

Com exceção, talvez, da escolha do nome, dom Eusébio acha que não houve surpresa em relação à escolha de Ratzinger. “Passamos uma semana

reunidos em congregações, nas quais as questões foram se tornando claras passo a passo”. Quase todos os cardeais, informaram os brasileiros, falaram durante essas reuniões sobre os problemas da Igreja, a partir da situação concreta de suas dioceses.

Quanto às surpresas no pontificado de Bento XVI, o presidente da CNBB observou que “o magistério é sempre o mesmo, embora cada Papa tenha seu próprio estilo”, acrescentando que não deverá haver problemas com o Brasil. “O relacionamento do então cardeal Ratzinger com nosso país sempre foi amistoso e bom.”

Para dom Falcão, não há razão para se temer o estilo do novo Papa. “Muitas críticas feitas ao cardeal Ratzinger partiram de pessoas que não o conhecem, pois Bento XVI é um homem sereno, tranquilo e acolhedor”, observou o arcebispo emérito de Brasília.

D. Cláudio Hummes acredita que o novo Papa fará todo o esforço possível “para que o mal e o erro tenham menos espaço no mundo”. O cardeal também aposta que Ratzinger vai ser um grande Papa e, para isso, merece um voto de confiança e de esperança de todos os católicos.

– É um novo tempo para a Igreja – disse o cardeal de São Paulo, encampando palavras de dom Geraldo, para quem Bento XVI poderá ter como Papa um estilo diferente daquele que Ratzinger tinha como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Os cardeais brasileiros observam que o fato de Bento XVI ter trabalhado tantos anos na Cúria Romana não significa que não tenha tido contato com a realidade. Além de ter sido arcebispo de Munique, na Alemanha, ele sempre foi bem informado sobre a situação que a Igreja vive nas bases, disseram.

Economia provocou recuo do catolicismo

A perda de fiéis da Igreja Católica no Brasil está diretamente relacionada às chamadas “décadas perdidas”, os anos seguidos de estagnação econômica que o Brasil enfrentou. Esta é a constatação da pesquisa “Retratos das Religiões no Brasil”, divulgada nesta quarta-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A Igreja Católica vem perdendo fiéis para outras religiões em todo o mundo. Esse é um dos desafios a ser enfrentado pelo Papa Bento XVI, eleito nesta terça-feira.

A pesquisa da FGV foi elaborada a partir dos dados do Censo 2000, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Brasil ainda é o país com o maior número de católicos do planeta, mas as estatísticas mostram que nos últimos anos a religião vem perdendo espaço para os evangélicos e para os sem religião.

Entre 1940 e 1980, a taxa de adesão à religião católica apresentou queda de 6 pontos percentuais e passou de 95,01% para 89,19%. Nos últimos 20 anos, no entanto, a perda de fiéis ganhou fôlego e a taxa de adesão caiu 14 pontos percentuais. Em 2000, os católicos representavam 73,9% dos brasileiros.

Para o economista da FGV Marcelo Neri, a justificativa para o declínio da religião católica no Brasil está relacionada à estagnação econômica. “Pode ser uma busca da sociedade por outras crenças em períodos de dificuldade econômica”, disse.

Segundo o economista, as religiões evangélicas passaram a suprir o papel do Estado, principalmente nas grandes cidades, oferecendo uma rede de proteção social e também a possibilidade de ascensão social.